



Pensar para transformar o mundo

cafecompaulofreire@gmail.com

MARIA AÍDA BEZERRA COSTA: MEMÓRIA E LUTA PELA EDUCAÇÃO POPULAR

Renato Pontes Costa, Café com Paulo Freire PUC-Rio¹
Cleide Figueiredo Leitão – ENSP/Fiocruz²
Alexandre da Silva Aguiar – UFRN³

RESUMO: O presente artigo faz memória de uma grande educadora popular brasileira: Maria Aída Bezerra Costa. Militante dos movimentos de educação e cultura popular desde o final dos anos 1950, Aída participa da criação e dinamização de importantes instituições, responsáveis pela construção desse campo no Brasil, como: MEB (1961); NOVA Pesquisa, Assessoria e Avaliação em Educação (1971) e SAPÉ – Serviços de Apoio à Pesquisa em Educação (1987). Este último foi criado por ela, em parceria com Rute Rios, o qual possibilita o desenvolvimento da Pesquisa Confronto de Sistemas de Conhecimento da Educação Popular. Fazer memória da trajetória de Aída Bezerra representa um esforço de registrar e manter viva a memória e o legado de importantes personagens do campo da educação popular brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Educação Popular. SAPÉ – Serviços de Apoio à Pesquisa em Educação.

¹ Doutorado em Ciências Humanas - Educação (2018), pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Atualmente é professor do Departamento de Educação da PUC-Rio. Integra o Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação de Jovens e Adultos (GEPEJA), na UFRRJ. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação de Jovens, Adultos, Educação Popular, Educação em Direitos Humanos e Produção de Materiais Didáticos. E-mail: recostta@puc-rio.br

² Mestrado em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2002). Atualmente integra a área de Formação Docente da Coordenação de Desenvolvimento Educacional e Educação a Distância da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz (Cdead/Ensp/Fiocruz). Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente em processos de formação/autoformação de professores, Educação de Jovens e Adultos, educação e saúde e educação a distância. E-mail: cleide.leitao@gmail.com

³ Pós Doutorado em Educação pela Universidade Federal Fluminense (2024). Atualmente é professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, estando vinculado ao Departamento de Práticas Educacionais e Currículo (DPEC), do Centro de Educação. Possui experiência na área de Educação, com ênfase em Educação de Jovens e Adultos, Formação de Professores, Produção de Material Didático-Pedagógico, Educação no Sistema Penitenciário, e Juventudes. E-mail: asaguiar.ufrn@gmail.com



Figura 1 – Aída Bezerra em sua residência no Rio de Janeiro.



Fonte: Acervo Pessoal

Reconstituir a memória histórica da educação popular na América Latina tem sido um investimento contante nos últimos anos (MEJIA, 2020; JARA, 2020). O Brasil, em toda sua complexidade, tem uma contribuição importante a dar nesse investimento, seja pela quantidade de experiências históricas desenvolvidas nesse campo em terras brasileiras; seja pelo trabalho de notáveis educadores que se dedicaram a esse campo de ações que é a educação popular. Contudo, como dizia Aída, ainda “há muito o que se dizer sobre a educação popular desenvolvida no Brasil”. Essa provocação nos mostra, de maneira simples e direta, como eram as falas cotidianas dessa educadora, que temos uma história da educação popular que é conhecida e contada, mas também que existem muitas outras histórias ainda por conhecer, registrar e contar. Complementando a referida afirmação, ousamos dizer que, além das muitas experiências existentes no Brasil, temos também um bom punhado de educadores que dedicaram suas vidas à construção desse campo e de quem, igualmente, precisamos fazer memória, dispor e conhecer. Pessoas que, se não cuidarmos de registrar a sua contribuição histórica, em poucas décadas podem ser levadas ao esquecimento. Isso torna o investimento no campo de estudos da memória, na área específica da educação popular no Brasil, uma necessidade premente no nosso tempo. Os estudos sobre a memória representam hoje uma área



Pensar para transformar o mundo

cafecompaulofreire@gmail.com

devidamente consolidada e reconhecida na historiografia, mas ainda é um grande desafio quando se trata do registro da memória social e coletiva num país tão diverso e tão complexo como o nosso.

Queremos, portanto, com esse texto fazer memória e registrar a contribuição de um grupo de pessoas que fizeram parte de nossa formação como educadores nos campos da EJA e educação popular, dando maior destaque à figura de Aída Bezerra com quem trabalhamos mais diretamente. Nesse pequeno texto, a intenção é trazer à tona alguns reflexos de nossa memória oral, a partir de nossa convivência com ela, no SAPÉ⁴ – Serviços de Apoio à Pesquisa em Educação, instituição criada por ela e Rute Rios⁵ no final dos anos 1980.

Antes, porém, de passar às nossas memórias, é importante apresentar, ainda que brevemente, a pessoa de quem estamos falando: **Maria Aída Bezerra Costa** ou simplesmente **Aída**, como a chamávamos, nasceu em Recife (PE) numa família de muitos irmãos. Frequentou na juventude grupos de militância católica e, ainda que não se dissesse filiada formalmente a esses movimentos, dizia ter participado da JIC – Juventude Independente Católica. Conforme afirmava sempre, não era de uma família de muitas posses, mas teve a oportunidade de estudar em bons colégios de Recife. Chegou à universidade ainda na década de 1950, onde fez o curso de Serviço Social, um dos primeiros nessa área instalados no Brasil. Como trabalho de campo para a elaboração de sua monografia de final de curso, trabalhou na organização das comunidades rurais no interior do estado de Pernambuco, onde posteriormente atuou em projetos de eletrificação Rural junto ao Governo Federal. Por conta de sua militância na Igreja Católica, integrou a equipe do MEB⁶ – Movimento de Educação de

⁴ Informações complementares em: <<http://forumeja.org.br/node/2957>>

⁵ Rute Rios é pernambucana, de Recife e foi professora-locutora da escola radiofônica do MEB – Movimento de Educação de Base, nesse estado no início dos anos 1960. No dizer de Osmar Fávero e de Aída Bezerra: “Rute era uma excelente e criativa professora da escola radiofônica! criava programas interessantíssimos para o desenvolvimento das aulas através do rádio”. Na sequência de sua atuação no MEB, já morando no Rio de Janeiro, trabalhou depois de 1965 na coordenação nacional do movimento. No início da década de 1980, Rute integra a Comissão Coordenadora de Educação e Cultura, coordenada por Darcy Ribeiro para elaborar a proposta dos CIEPs – Centros Integrados de Educação Pública, implantados no governo de Leonel Brizola, no Rio de Janeiro. Em 1987 junto com Aída Bezerra assume o desafio de criar o SAPÉ – Serviços de Apoio à Pesquisa em Educação e, nessa instituição, desenvolve como primeiro projeto a Pesquisa Confronto de Sistemas de Conhecimento na Educação Popular. (COSTA, 2018)

⁶ Informações complementares em: <<http://forumeja.org.br/book/export/html/1435>>



Pensar para transformar o mundo

cafecompaulofreire@gmail.com

Base, desde a sua formação em 1961, do qual foi coordenadora no estado de Pernambuco.

Com a instauração do Golpe Civil-militar de 1964, as ações do MEB foram duramente reprimidas, e o movimento teve que se reorganizar. Por conta da repressão, essa grande educadora popular foi perseguida, presa e, na primeira oportunidade que teve, assim como outros tantos militantes, fugiu para fora do Brasil. Essa foi uma estratégia utilizada pela igreja para enviar ao exterior seus principais quadros leigos, como forma de escapar das atrocidades da ditadura. Viveu na França até final dos anos 1960, onde fez um curso equivalente a um doutorado em Sociologia, como ela mesma dizia: “na antessala da Sorbonne”, a “*EHESS: École des hautes études en sciences sociales*”. Voltou ao Brasil em 1970 e, em 1971, participou da articulação de um seminário nacional que congregou militantes da educação popular e que deu origem ao “NOVA Pesquisa, Assessoria e Avaliação em Educação⁷”, do qual também foi uma das fundadoras. Trabalhou no NOVA até o final dos anos 1980 ao lado de grandes nomes da educação popular brasileira, como: Beatriz Costa⁸,

⁷ Informações complementares em: <<http://forumeja.org.br/book/export/html/2936>>

⁸ Beatriz Bebiano Costa (*in memoriam*) Bia como era conhecida, nasceu e sempre morou no Rio de Janeiro. Estudou Pedagogia na PUC-Rio entre 1954 e 1958. Participou da Ação Católica na JIC – Juventude Independente Católica. Ao concluir o curso de Pedagogia trabalhou por dois anos como professora na Escola Gonzaga Junior, anexa ao Colégio Sion no Rio de Janeiro – conhecida como a “escola dos pobres” do Colégio Sion. “Entre 1961 (logo depois de sua criação) e 1964 (com seu fechamento), trabalha na SETER – Sociedade Escolas Tele-radiofônicas. Nessa instituição atuou em um projeto de educação de jovens e adultos sustentado por verba federal e estadual. A SETER fazia um trabalho de alfabetização e pós-alfabetização através do rádio. Em seguida trabalhou no MEC – Ministério da Educação e Cultura, num programa de Educação Supletiva de Nível Médio que também utilizava o rádio. Um momento difícil e de pouca liberdade institucional. A partir de 1968, com o aumento da repressão Bia passa a trabalhar além do MEC no Programa de Educação do CEI – Centro Ecumênico de Informação, atuando no processo de formação dos agentes de pastorais populares das Igrejas Protestantes e católica. No CEI trabalhou até 1971 e sua saída coincidiu com o retorno de Aída Bezerra ao Brasil. Nesse período ambas desenvolvem uma pesquisa sobre Tipologia de Educação de Adultos no Brasil, financiado pelo *Développement et Paix*, do Canadá e, na sequência disso, em 1972, articulam com Henryane de Chaponay o Seminário Nacional que dá origem ao NOVA Pesquisa, Assessoria e Avaliação em Educação, do qual é uma das fundadoras e integrante da primeira equipe. A partir de 1979 inicia, ainda no NOVA, uma participação no Movimento de Escolas de Trabalhadores, que a partir desse ano passa a realizar seminários anuais. Em 1989 constituem um Conselho de Escolas de Trabalhadores (CET) e em 1995 o CET elabora uma plataforma de educação para cidadãos trabalhadores. Bia participa intensamente de todo esse processo. Além da CET ela também participa do CADTS – Centro de Aprendizagem e Desenvolvimento Técnico Social, em São João de Meriti, na Baixada Fluminense – RJ. Em meados da década de 1980 passa a envolver-se junto com Xico Lara em iniciativas e discussões num campo que começava a se desenhar no país, a Economia Solidária ou “economia popular”, “economia dos setores populares”, na perspectiva da organização a partir dos trabalhadores. (Informações retiradas da entrevista publicada em: Ramalho e Esterici, 2017)



Regina Rocha⁹, e outros. O NOVA fazia assessoria em Educação a grupos populares, como uma empresa de educação com fins lucrativos. Essa era uma forma de continuar o trabalho de educação popular nos meios populares sem levantar suspeitas do regime ditatorial durante os anos 1970. O NOVA foi um importante espaço de articulação da Educação Popular durante os duros anos da ditadura militar. Uma contribuição importante foi a publicação dos Cadernos de Educação Popular¹⁰, com textos que sistematizavam grandes questões desse campo, nesse momento da história. Conforme aponta Favero e Motta (2015, s/p.)¹¹:

Após dois anos acumulando experiências e sistematizando assessorias e com vista a divulgar os estudos realizados nos seminários internos, começou-se a produzir e publicar textos para atender às necessidades dos “agentes”. Os dois primeiros cadernos, intitulados Educação Popular I e II, foram editados pelo CEI - Centro Ecumênico de Informação, que tinha objetivos semelhantes aos do NOVA e já contava com uma linha de publicações de alcance nacional. Constituem-se nas primeiras produções sobre educação popular, abordando inovadoramente e de maneira competente temas fundamentais, como a metodologia de avaliação das experiências, a relação entre saber e poder etc.

A partir de 1981, o NOVA passou a publicar a coleção *Cadernos de Educação Popular*, muitos deles contendo depoimentos ou resultados de seminários amplos realizados. Ao todo foram publicados 30 números desses *Cadernos*, 22 deles em coedição com a *Vozes de Petrópolis*, até 1993. Da mesma forma que os trabalhos de assessoria, também os seminários e os *Cadernos* contavam com financiamento internacional.

Deixou o NOVA, com o intuito de realizar a Pesquisa Confronto de Sistemas de Conhecimento na Educação Popular¹² e, para isso, foi necessário criar uma nova

⁹ Regina Rocha (*in memoriam*) era formada em Sociologia e Política, pela Faculdade de Ciências Econômicas de Minas Gerais. Fez um curso de pós-graduação em Sociologia na Universidade de Louvain, na Bélgica, e também dois anos de Seminários de Formação em Paris, com Alain Touraine, na École Pratique Hautes Études. No Brasil, foi professora da PUC de São Paulo até 75, quando veio para o Rio de Janeiro trabalhar na NOVA Pesquisa, Assessoria e Avaliação em Educação, a convite de Aída Bezerra a quem foi apresentada por Maria José de Sousa Santos (a Zezé), que trabalhou no MEB e foi contemporânea de Regina em Louvain. No Nova, Regina atuou por mais de 30 anos, trabalhando intensamente nas assessorias e nas publicações. (Informações retiradas da entrevista publicada em: FÁVERO e TAVARES, 2017)

¹⁰ Todos os 32 Cadernos de Educação Popular podem ser acessados no Portal dos Fóruns de EJA do Brasil. Disponível em: <<http://forumeja.org.br/book/export/html/2936>>

¹¹ Também disponível em: <<http://forumeja.org.br/book/export/html/2936>>

¹² A pesquisa intitulada: “Confronto de Sistemas de Conhecimento na Educação Popular”, foi realizada pelo SAPÉ entre 1987 e 1990. O Estudo foi estruturado como uma investigação/ação, com jovens e adultos numa situação de aprendizagem de leitura e escrita (alfabetização). A pesquisa foi organizada a partir de quatro vertentes: 1) alfabetização de adultos; 2.) educação política; 3.) formas alternativas de produção; e 4.) ensaios de organização de população em situação de rua. Os pesquisadores atuavam em sala de aula, como professores/pesquisadores, e buscavam entender como um aluno



Pensar para transformar o mundo

cafecompaulofreire@gmail.com

instituição. Foi então criado o SAPÉ numa parceria com Rute Rios. Atuou nessa instituição entre 1987 e 2007. Depois disso, integrou por um tempo a equipe de formadores da CAPINA – Cooperação e Apoio a Projetos de Inspiração Alternativa, em projetos de formação de assessores de empreendimentos de economia dos setores populares.

Para além de toda essa grande trajetória, podemos dizer que a convivência com Aída, sua perspicácia, sua doçura e, ao mesmo tempo, sua firmeza em lidar com grandes questões contemporâneas da educação popular, eram para nós grandes momentos de aprendizado. Desses momentos, lembra Cleide Leitão:

Nosso encontro foi na Escola Senador Correa, em Laranjeiras/RJ, no final dos anos oitenta. Uma professora da educação infantil e uma educadora popular, e o Pedro, seu filho a nos unir. Um dia lhe disse que queria conhecer melhor seu trabalho e o convite veio para integrar o recém fundado SAPÉ – Serviços de Apoio à Pesquisa em Educação, junto com Rute Rios e, atuar na pesquisa Confronto de Sistemas de Conhecimento na Educação Popular.

Já era longa sua caminhada na educação popular, nos sertões do nordeste, junto a camponeses, analfabetos, sindicalistas rurais, marginalizados e tantos outros que lutavam em seu cotidiano por uma condição de vida melhor na organização das comunidades rurais. Sempre em boas companhias, por Dom Helder Câmara, quando foi bispo de Olinda, por Vera Jaccoud¹³ companheira de luta e trabalho no MEB - Movimento de Educação de Base, quando exerceu a coordenação estadual em Pernambuco, até o exílio a partir do golpe militar-civil em 1964.

O tempo de exílio foi de estudo em Sociologia, mas também rico e potente em encontros e articulações com pessoas e organizações que atuavam na luta por justiça social e por outro mundo, a partir de novas racionalidades. No pós-guerra na Europa com o surgimento das ONGs durante os anos

jovem/adulto se relaciona com o conhecimento da leitura e escrita a ele apresentado pela escola, ou seja, pensar os diferentes sistemas de conhecimento imbricados na relação pedagógica. Um estudo sobre a Pesquisa Confronto pode ser encontrado em COSTA (2018), que se ocupou em recuperar a memória dessa pesquisa.

¹³ Vera Jaccoud (*in memoriam*), nasceu em Friburgo-RJ. Sua família era dona de um laboratório de manipulação que tinha o mesmo nome da família Laboratório Jaccoud. Por esse motivo Vera faz o curso de Farmácia, mas nunca exerceu a profissão de farmacêutica. Vera Jaccoud foi da Ação Católica nos primeiros anos da década de 1950, onde foi por muito tempo conselheira da JEC – Juventude Estudantil Católica. Ela faz parte de uma geração importante da Ação Católica no Brasil porque viveu intensamente um espírito de renovação da Igreja. Atuava na articulação nacional das lideranças e, por estar nas instâncias de coordenação nacional, conseguia ter acesso e contato com experiências internacionais da Ação Católica, principalmente na França e no Canadá. Vera trabalhou na CNBB, na RENECA – Rede Nacional de Emissoras Católicas, junto com Janet Pucheu. Em 1961 com a proposta de criação do MEB, dentro da RENECA, Vera assume a coordenação técnica desse movimento junto com Osmar Fávero, tendo Marina Bandeira como secretária executiva. No período em que esteve no MEB fez um curso na *Peuple et Culture*, em Paris e a partir desse curso um estágio no Senegal, sobre animação cultural. Tempos depois de sair do MEB, vai trabalhar com Osmar Fávero no INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária até se aposentar. (COSTA, 2018).



Pensar para transformar o mundo

cafecompaulofreire@gmail.com

1980-1990, foram momentos que propiciaram a construção de toda uma rede de relações que Aída formou no exílio e no pós-exílio. Dessa rede se impulsionou o trabalho do SAPÉ durante 20 anos.

O SAPÉ¹⁴, desde a sua origem, trazia um diferencial para além do ativismo característico das ONGs ao iniciar suas atividades com uma pesquisa participante e ao exercitar sua autonomia e criatividade na delimitação do seu campo de ação e na constituição de um eixo de trabalho derivado da pesquisa, intitulado Formação/Autoformação de Educadores(as). Foram muitas as produções a partir desse eixo: os Coletivos de Autoformação de educadores no Rio de Janeiro e em Pernambuco; O BAM – Banco de Ajuda Mútua, proposta de registro e intercâmbio na EJA; a produção de 3 números do Almanaque do Aluá, publicação escolhida para dialogar e difundir os achados da pesquisa

Numa antologia recém-publicada em homenagem ao povo nordestino, Renato Pontes deixou registrada a grandeza de seu encontro com Aída. Nesse relato, relembra algumas “tiradas” de suas falas despreziosas e simples que nos faziam refletir profundamente sobre a vida e sobre as relações humanas.

Começo esse texto contando sobre a “teoria das bolinhas”, que um dia ouvi e aprendi com Aída Bezerra numa das muitas conversas-aprendizados que tive com ela no tempo de nosso convívio. Aída costumava dizer que nós, seres humanos, somos como bolinhas rolando no mundo, pra lá e pra cá. As bolinhas iguais sempre acabam rolando para o mesmo lado e um dia se esbarram pela vida. E foi assim, rolando pela vida, nas lutas políticas e projetos desenvolvidos nos campos da Educação de Jovens e Adultos e Educação Popular que, um dia, esbarrei com Aída e pude perceber a força e a grandeza desse encontro. [...] As conversas de fim de tarde, no meio do trabalho, as risadas na varanda e as muitas histórias de uma vida carregada de luta e de militância pela educação popular, valeram por uma faculdade. Aída e o SAPÉ nos deixam um grande legado. Memória que precisa ser resgatada e guardada para que se aprenda com ela. (COSTA, 2024, p. 83-84)

Aída foi sem dúvida uma grande educadora desse país. Sua presença marcante e sua inventividade inquieta encantavam a todos que puderam conviver

¹⁴ Uma parte do que foi produzido pelo SAPÉ pode ser acessado no Portal do Fórum EJA, por meio do link: <<http://forumeja.org.br/book/export/html/2936>>



Pensar para transformar o mundo

cafecompaulofreire@gmail.com

de alguma maneira com ela: no MEB, no NOVA, na RAAAB¹⁵, no SAPÉ, na gênese do movimento dos fóruns de EJA, na CAPINA e em outras tantas inserções durante sua longa trajetória. Ficam as memórias, os ensinamentos e o grande legado que Aída nos deixa. Entre tantos ensinamentos, podemos destacar a ideia de confronto entre sistemas de conhecimento diferenciados, como, por exemplo, o que se expressa entre agentes e grupos populares, a explicitação das relações de poder e a negociação de saberes presentes nas relações pedagógicas. É nossa tarefa fazê-los ecoar.

REFERÊNCIAS:

BEZERRA, Aída; RIOS, Rute. La negociación: una relación pedagógica posible. In: **Cultura y política en educación popular: principios, pragmatismo y negociación**. Haya/Holanda: CESO, 1995.

COSTA, Renato Pontes. Memórias da vida e a vida em movimento. In: CUNHA, Verônica (org.). **Veias do nordeste**. – 1ª ed. – p. 82-87. Rio de Janeiro: Metanoia, 2024.

COSTA, Renato Pontes. **Poder e negociação como relações pedagógicas. memória da pesquisa Confronto de sistemas de conhecimento na educação popular**. Tese (doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 2018.

FÁVERO, Osmar e TAVARES, Gerson. **Nos bastidores da memória: 50 anos de educação popular – 1965 – 2015**. [Recurso eletrônico - DVD]. Campos dos Goytacazes: UENF, CREMEJA – Centro de Referência e Memória da educação de Jovens e Adultos, 2017.

FAVERO, Osmar e MOTTA, Elisa (orgs.). **Educação Popular e Educação de Jovens e Adultos**. [recurso eletrônico]. – 1ª ed. – Petrópolis, RJ: De Petrus et Alli; Rio de Janeiro, RJ: FAPERJ, 2015.

¹⁵ A RAAAB – Rede de Apoio à Ação Alfabetizadora do Brasil, criada em 1987, vinculada a vários movimentos internacionais como CEAAL - Conselho de Educação Popular da América Latina e Caribe e outros, era uma rede dedicada ao intercâmbio e sistematização de experiências, à formação de educadores de jovens e adultos. Desempenhou importante papel na articulação de diferentes grupos que atuavam no âmbito da alfabetização e educação de jovens e Adultos ao longo da década de 1990 e início dos anos 2000, sob inspiração do paradigma da educação popular e à mobilização em torno de políticas públicas para a área. Participavam dessa rede: movimentos sociais, centros de educação popular, centros de pesquisa, ONGs e organismos públicos das três esferas de governo que compartilhavam seus objetivos. (Texto adaptado de: *Alfabetização e cidadania: revista de educação de jovens e adultos*. Nº 19, p.8, Brasília: RAAAB, UNESCO, Governo Japonês, 2006).



Pensar para transformar o mundo

cafecompaulofreire@gmail.com

JACCOUD, Vera (entrevista). “Viver é lutar” – a construção do Movimento de Educação de Base – MEB (1955-64). In: **Alfabetização e Cidadania – Revista de Educação de Jovens e Adultos**, nº 6, março de 2000.

JARA, Oscar. Educação Popular. De que Educação estamos falando? In: JARA, Oscar. **Educação Popular Latino-americana. História e fundamentos éticos, políticos e pedagógicos**. São Paulo: Ação Educativa, CEAAL, ENFOC, 2020.

MEJÍA J., Marco Raúl. **Educación popular: raíces y travesías de Simón Rodríguez a Paulo Freire**. Con prólogo de Carlos Rodrigues Brandão. Bogotá, D.C.: Ediciones Aurora, 2020.

RAMALHO, José Ricardo e ESTERCI, Neide (orgs.). **Militância política e assessoria: compromisso com as classes populares e resistência à ditadura**. São Leopoldo: Oikos, 2017.